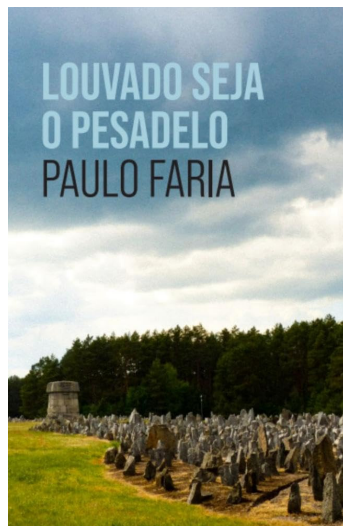


VENCER O ESQUECIMENTO OU DA ARTE COMO INSTRUMENTO PARA TORNAR SENSÍVEL O INUMANO

OVERCOMING FORGETFULNESS OR ART AS A TOOL TO MAKE THE INHUMAN SENSIBLE

Jorge Vicente Valentim¹



Em muitos casos, um dos primeiros aspectos a ser levado em consideração no momento da primeira leitura de um texto, seja ele de que natureza for, é o título dado pelo(a) seu(sua) autor(a) e as correlações que este articula e desenvolve com o conteúdo narrado. Não diferente desta situação, começo por acentuar aquilo que me deixou mais intrigado com o romance de Paulo Faria: o seu título, afinal, como louvar e engrandecer o pesadelo, aquele conjunto de imagens que invade os sonhos e, quase sempre, retira-nos do estado de sossego dos braços de Morfeu.

Autor pouco conhecido do público brasileiro, Paulo Faria² já possui uma consolidada carreira como tradutor e ficcionista, tendo sido galardoado com importantes prêmios nas duas categorias em Portugal. **Louvado seja o pesadelo** é, portanto, o seu quarto romance, vindo a lume sob a chancela da Editora Minotauro e ainda não editado no Brasil.

Claro está que o título vem de um verso do poema “Felicidade”, de Jorge Luís Borges, citado em epígrafe (“Louvado seja o pesadelo, que nos revela/ que podemos criar o inferno”; Faria, 2024, p. 7), juntamente com outro texto de Adolf Rudnicki³ (“Não é indiferente a maneira como se morre./ Há

momentos em que o mundo inteiro,/ toda a beleza do mundo,/ depende de um *sim* ou de um *não*”; Faria, 2024, p. 7) e um longo poema de Inês Faria, filha do autor. Com esta informação, o leitor dá conta de uma forte ironia que irá, definitivamente, povoar algumas das páginas do romance, mas também, ao longo da narrativa, percebe que, graças ao pesadelo do narrador-protagonista, Carlos, é possível para ele reconstruir o seu inferno particular, que é também o nosso, cidadãos e cidadãs pós-Auschwitz e pós-pandemia.

Sim, estamos diante de uma obra que nos remete diretamente para o passado da II Grande Guerra Mundial e a barbárie perpetrada pelos nazistas sobre todos aqueles que se desvirtuavam da ideologia de superioridade ariana. Mas, aqui é preciso que o leitor tenha em mente que não irá encontrar nas malhas da trama de **Louvado seja o pesadelo** personagens como um tatuador, uma bailarina, duas irmãs gêmeas, um carteiro, algumas costureiras, uma ruiva, um farmacêutico, algumas cartas perdidas, um fotógrafo, um mágico e um miraculoso manuscrito, ou, ainda, raparigas que roubavam livros ou rapazes de pijamas às riscas. Nenhuma dessas fórmulas, feitas em lugares-comuns, comparecem no enredo do romance de Paulo Faria.

Nesse sentido, e acompanhando a sua trajetória como romancista, gosto de pensar que o autor atingiu um ponto culminante no seu projeto de criação ficcional, na medida em que põe o leitor de frente com uma série de questionamentos que não são apenas da personagem principal. Na verdade, eles são nossos, do nosso tempo, do nosso cotidiano, do presente mais imediato que nos é dado viver:

Fecho o caderno, acho que tornaram a cair as folhas soltas que há pouco apanhei do chão. Não olho. Na superfície de betão do tecto vêm-se perfeitamente as marcas paralelas da cofragem de madeira. Se me pusesse de pé, conseguia tocar ali com a mão. Este lugar, Majdanek, é mais um lugar de esquecimento. Os sobreviventes estão todos mortos, ou quase. Os alemães incendiaram o crematório, foi preciso reconstruí-lo. Em breve nada restará da madeira original da vedação, das torres de vigia. Em breve nada restará do arame farpado de 1944, substituído por arame novo à medida que enferruja e apodrece. Um dia, os ossos humanos dentro do Mausoléu ter-se-ão esfarelado todos em pó. Os nazis queriam um mundo sem a memória do Holocausto, sem a História do Holocausto. Os nazis sonhavam com um mundo em que as pessoas se tratassem sem dó nem piedade, mesmo que jurassem recusar terminantemente os ideais do nazismo. A minha Alzheimer será um pequeno triunfo do nazismo se ninguém escrever a história do teu encantamento com os ideais nazis, avô. Porque, quando eu morrer, ninguém se lembrará de ti. Ninguém se lembrará de te ouvir dizer que Hitler quis travar as «hordas asiáticas» (Faria, 2024, p. 205-206).

Como se pode perceber, Carlos trava uma luta inglória contra diversos tipos de esquecimento. O esquecimento sócio-político, em que discursos de ódio e de intolerância fluem pelos jornais, pelas rádios e pelas aparições públicas de políticos ligados ao nazismo, e que, gradualmente, vão caindo num limbo conveniente de silenciamento. Há ainda o esquecimento cultural,

em que as gerações atuais parecem desconhecer, ignorar e minimizar toda a sequência de atos de barbárie contra a humanidade, visivelmente contada e documentada por imagens e pelas ruínas dos campos de concentração em Auschwitz, mas, principalmente, nas cidades de Majdanek, nos arredores de Lublin, por onde o protagonista tem uma das sequências mais fortes e mais tocantes da trama, e Treblinka. Também há o temor de um esquecimento familiar, já que a sua ida de Portugal para Polônia tem a ver justamente com o acerto de contas que tenta fazer com o seu passado pessoal, seja na figura do pai, seja na do avô, declarado defensor do nazismo, da juventude hitleriana, da Mocidade Portuguesa e do Estado Novo Salazarista.

Vezes, sem conta, o protagonista sai em busca para recuperar um pouco da imagem daquele homem viril, austero, rígido, conservador e opressor, suas aparições públicas em defesa dessas ideias, o convite para o congresso alemão do partido de Hitler, numa espécie de tentativa de exorcismo, não para apagar o que efetivamente ocorreu, mas para não deixar que todas aquelas atrocidades caíssem num apagamento total. Na verdade, esse temor de um esquecimento familiar e pessoal confunde-se com um esquecimento maior, um esquecimento coletivo. Afinal, o que estamos nós a fazer para honrar a memória daqueles que pereceram inocentemente diante do exercício da barbárie? Não à toa, o narrador convoca em seu auxílio um elenco de obras literárias, séries televisivas e películas cinematográficas que se debruçam sobre o tema do holocausto (**Holocausto**, de Gerald Green; **Mila 18**, de Leon Uris; **Música no coração / A noviça rebelde**, de Robert Wise; **O filho de Saul**, de László Nemes; **Os quatro do blindado e o seu cão**, de Konrad Nalecki), incluindo, claro, o clássico livro de Primo Levi, **Se isto é um homem**).

Mas há um esquecimento mais perturbador para o narrador-protagonista. Contra todos esses mencionados é possível lutar e conquistar uma vitória, porém, contra o esquecimento neurológico causado pela Alzheimer, não há sucesso possível. Ele sabe que tem a doença, foi diagnosticado com ela e, por isso, precisa correr contra o tempo, antes que a doença transforme a sua memória num grande nevoeiro. Aliás, o leitor começa a perceber os efeitos da doença, quando, no capítulo seis, a pontuação entre frases e períodos é abolida, num efeito especular magnífico que embaralha os pensamentos, as ideias e as tomadas de atitudes do narrador:

[...] está frio e não sei se deixei a porta do quarto novamente aberta não sei se trouxe o cartão para entrar calcei uma peúga de cada cor é melhor voltar depressa para o hotel antes que alguém me roube os papéis o computador o dinheiro se eu fizer força com a mão desfaço o sino em mil bocados olha vem gente saltitam à volta do sino com o dedo no alto dão voltas e mais voltas um de cada vez não me vêem ninguém repara em mim parece que estão a dançar foste à Alemanha em 1935 no regresso publicaste as tuas impressões no *Diário da Manhã* numa revista chamada *Escola Portuguesa* está tudo nas notas de rodapé os nazis convidaram-te a ti porque confiavam em ti porque conheciam as tuas ideias porque sabiam que eras um deles. Um nazi convicto (Faria, 2024, p. 173-174).

E, aqui, parece-me, há uma inquietação sedutora para o leitor, porque ficamos todos sempre com aquela sensação a cada capítulo: será que Carlos vai conseguir concluir o seu projeto de viagem e de recuperação da memória da *Shoa* e assinalar a violência daqueles que com ela concordaram? Será que, apesar daquela contagem angustiante (“Faltam seis dias”, “Faltam cinco dias”, “Faltam quatro dias”, por diversas vezes essas frases aparecem ao longo da trama), o protagonista terá sucesso na sua empreitada de visitar todos os lugares e compreender o que foi a ligação do seu avô com um regime totalitário, agressivo e genocida? Será que outros capítulos, como o seis, acabarão por vir à tona e comprometerão o fio da narrativa? Assim, o leitor fica absolutamente absorto, sobretudo, porque, ao longo deste, vários objetos e documentos vão ajudando a compor a trama: fotos de bilhetes de autocarro, de metro e de comboio, necessários durante o trajeto da viagem aos campos de concentração; anotações do protagonista em pequenos papéis para utilização na sua narrativa; mapa dos espaços visitados na Polónia; pequenos folhetos informativos dos pontos turísticos, além, é claro, de suas próprias lembranças, resgatadas aos poucos ao longo da narrativa:

«Ghetto», diz ele, «ghetto wall», e eu digo que sim, claro, dou um passo em frente, mas ele quer obrigar-me a dar meia-volta, toca-me no braço, levanta a voz, quer que eu o acompanhe, como se me desse ordem de prisão, não me quer deixar entrar no gueto ou então não me quer deixar sair do gueto, já não sei ao certo se este chão que piso ficava dentro ou fora do gueto, perdi a noção do espaço, ele não se cala, fala-me em polaco, vai dizendo «ghetto wall» no meio das frases, os adolescentes olham com atenção, agora já são quatro ou cinco, querem ver o que isto vai dar, um deles é uma rapariga, tem um espelho no lugar do rosto, se eu não me mexer e se não disser uma palavra talvez este homem me deixe em paz, talvez se desvie do caminho e então poderei ir no encalço dela. E então poderei ir no encalço da morte. Quem fica atrás do muro, confinado pelo muro, cercado pelo muro tem a morte por companheira, sempre. Quando os vivos nos emparedam e deixam de nos ver é como se já estivéssemos mortos (Faria 2024, p. 96).

Tal como a passagem acima bem exemplifica, o romance de Paulo Faria longe está de ser um romance apenas sobre a II Guerra Mundial, somente sobre o Holocausto e a sua memória inapagável, ou, ainda, sobre um acerto de contas inevitável entre um neto e um avô, porque, pela voz do narrador-protagonista, somos confrontados com a violência dos conflitos internacionais e das disputas geo-políticas que ainda ocorrem no nosso presente. Como se afastar disso tudo? Como fingir que nada disto nos atinge? No meu entender, **Louvado seja o pesadelo** constitui uma obra de leitura necessária nos tempos atuais, quando presenciamos a continuidade do terror e das guerras. Como bem nos alerta o narrador, ao tentar lembrar os tempos do seu avô: “O Holocausto como culminar e origem de toda a violência do século XX, do século XXI” (Faria, 2024, p. 20).

Em 1949, cinco anos após o encerramento da Guerra, depois que as imagens dos fornos dentro dos campos de concentração, dos corpos dispostos nas carruagens dos comboios, dos esqueletos ambulantes torturados e massacrados ao longo de mais de uma década, circularam o mundo, o filósofo e sociólogo alemão Theodor Adorno escreve um ensaio emblemático sobre a impossibilidade de se fazer poesia depois de Auschwitz. Para ele,

Quanto mais totalitária for a sociedade, tanto mais reificado será também o espírito, e tanto mais paradoxal será o seu espírito, e tanto mais paradoxal será o seu intento de escapar por si mesmo da reificação. Mesmo a mais extremada consciência do perigo corre o risco de degenerar em conversa fiada. A crítica cultural encontra-se diante do último estágio da dialética entre cultura e barbárie: escrever um poema após Auschwitz é um ato bárbaro, e isso corrói até mesmo o conhecimento de por que hoje se tornou impossível escrever poemas (Adorno, 1998, p. 26).

Diante do assombro deixado pelo rastro de violência e barbárie dos adeptos do nazismo, Adorno não vê qualquer possibilidade de a literatura se manifestar. No entanto, passadas mais de 5 décadas depois da guerra e desse paradigmático texto de Adorno, o crítico francês Jacques Rancière advoga em favor de uma releitura do protocolo adorniano, com uma outra forma de pensar a arte em tempos de carência, violência e desumanização. Segundo ele,

[...] temos de inverter a célebre frase de Adorno que decretou que a arte é impossível depois de Auschwitz. É o contrário que é verdade: para mostrar Auschwitz depois de Auschwitz, só a arte é possível, porque ela é sempre o presente de uma ausência, porque é a sua missão mostrar um invisível, por meio da força organizada das palavras e das imagens, juntas ou separadas, porque ela é a única capaz de tornar sensível o inumano (Rancière, 2018, p. 46).

Ora, fico a me interrogar se o romance **Louvado seja o pesadelo**, de Paulo Faria, com todas as referências literárias, musicais, audiovisuais e culturais ao longo de sua trama, não estará, de certo modo, também apostando nesse caminho, afinal, diante do terror, da barbárie, da violência, das perdas, do medo do esquecimento e da presença constante da morte, somente pela arte torna-se possível passar este tempo e enfrentar as ausências forçadas, os apagamentos propositais, a censura mascarada e o inumano que toda este presente pós-pandemia acabou por deflagrar.

O seu mais recente romance pode ser entendido, portanto, como uma narrativa que enceta uma batalha contra o esquecimento histórico-coletivo, a partir de uma luta individual de um homem com Alzheimer. Se ele está pronto a travar tal embate, nós, leitores, também não seremos capazes de não deixar toda essa memória cair no véu do esquecimento? Não poderemos, através da arte da leitura, celebrar a literatura como uma forma artística de tornar sensível aquele gesto inumano? Posso ser muito otimista, mas acredito que sim.

Por isso, não posso deixar de saudar ao autor que nos proporciona pensar o nosso presente e os dilemas da contemporaneidade a partir de um protagonista complexo, marcado pelo trauma e ameaçado pelo esquecimento iminente. Que nós, leitores com memória, saibamos honrar a luta daqueles que batalharam pela liberdade e pela democracia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor. Crítica cultural e sociedade. *In*: _____. **Prismas**. Tradução: Augustin Wernet e Jorge Mattos Brito de Almeida. São Paulo: Ática, 1998. p. 7-26.

FARIA, Paulo. **Louvado seja o pesadelo**. Lisboa: Minotauro, 2024.

MARTINI, Fritz. **História da literatura alemã**. Do Romantismo a actualidade. Tradução de Manuela Pinto dos Santos. Lisboa: Estúdios COR, 1972.

RANCIÈRE, Jacques. **Figuras da história**. Tradução: Fernando Santos. São Paulo: Editora da UNESP, 2018.

Recebido para avaliação em 28/05/2024.

Aprovado para publicação em 26/06/2024.

NOTAS

1 Professor Titular de Literaturas de Língua Portuguesa (Literatura Portuguesa e Literaturas Africanas de Língua Portuguesa) do Departamento de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura da UFSCar. Investigador do CECOMP/FLUL, com Bolsa de Pesquisa no Exterior da FAPESP. Bolsista Produtividade do CNPq. Presidente da ABRAPLIP na Gestão 2022-2023.

2 Natural de Lisboa, onde vive atualmente, Paulo Faria vem se destacando por uma intensa atividade literária, seja com tradutor de George Orwell, Jack Kerouac, James Joyce, Don De Lillo, Cormac McCarthy e Charles Dickens, tendo vencido o Grande Prémio de Tradução APT/SPA, em 2015, pela sua tradução de **História de duas cidades**; seja como ficcionista, com obras de destaque tais como **Estranha guerra de uso comum** (2016), **Gente acenando para alguém que foge** (2019, vencedor do Prémio Autores 2021 – Melhor Livro de Ficção Narrativa) e **Em todas as ruas te encontro** (2021). Escreve crônicas para a revista **Ler** e o jornal **Público**.

3 Adolfo Rudnicki (1912-1990) foi um poeta polaco-judaico, perseguido pelo nazismo e militante da resistência polonesa durante o período da II Guerra Mundial. Depois de um relativo sucesso como ficcionista, com três romances publicados na década de 1930 (**Death of the operator**; **The unloved** e **The rats**), foi perseguido e capturado pela polícia nazista, mas conseguiu escapar. Atuou na Revolta de Varsóvia, em 1944 e, após o término da guerra, publicou os romances **As janelas douradas e outras histórias** (1966) e **O mercador de Lodz** (1969), além de outros contos, todos sobre o **Holocausto** e a resistência judaica, além de ensaios sobre os mais variados temas, reunidos em uma série de volumes, intitulados **Páginas azuis** (1953). Na década de 1970, foi viver em Paris, e só retornaria a Varsóvia na década de 1980, onde permaneceu até sua morte. Mais informações a respeito do escritor e de sua trajetória criadora, consultar a obra de Fritz Martini (1972).

Apoio:



*Programa de Pós-Graduação em Letras da
Universidade Federal Fluminense (GPL/UFF)*

*“Apoiado pela Universidade Federal Fluminense com recursos do
Programa Auxílio Publicação - PROPP, 2014”*

Realização:

Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e Africana da UFF (NEPA)

COLABORADORES

Deyse Moreira

Ida Alves

Lélia Parreira Duarte

Paulo Roberto Sodré

Carlos Silva

Paula Almeida Mendes

Saulo Gomes Thimóteo

Luiz Rogério Camargo

Claudia Barbieri

Oscar José de Paula Neto

Ana Carolina Botelho

Paulo Alberto da Silva Sales

Elisangela Silva Heringer

Joana Monteleone

Lucas Laurentino de Oliveira

Paulo Rodrigues Ferreira

Jorge Vicente Valentim

ISSN 1984-2090

